

Resenha do livro: Positivismo: reabrindo o debate / Hermas Gonçalves Arana. - Campinas, SP: Autores Associados, 2007. – (Coleção educação contemporânea).

Autor da Resenha: Lucia Mara de Lima Padilha, Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG.

Em *Positivismo: reabrindo o debate*, tem o leitor um texto introdutório à doutrina positivista, sua concepção de filosofia e de ciência. Nessa obra o autor busca determinar o núcleo teórico das principais doutrinas positivistas, tomando como fio condutor o conceito de dado empírico, que, por sua vez, percorre o texto do início ao fim, quer como instrumento de articulação e análise, quer como alvo de leituras múltiplas.

O livro está dividido em três capítulos. No primeiro, o autor coloca em destaque o conceito de Positividade e Dado Empírico, fazendo uma análise das obras de Comte, Spencer, Stuart Mill, March, Neurath e Carnap, indicando variações, matizes significativos que a tese assume, segundo o contexto histórico imediato, no interior do qual explícita ou implicitamente, é anunciada. O autor apresenta o conceito de dado, associado à idéia de positividade através de três sentidos. O primeiro afirma que o positivo diz-se que é dado, o que efetivamente está ao alcance do homem conhecer. Para o segundo sentido, positivo diz-se o que, por seu modo de ser dado, por seu modo de presença na relação do conhecimento, não se pode desprezar. Já o terceiro sentido coloca os anteriores como sendo gerais, a eles a filosofia positiva acrescenta um sentido mais particular, mais individualizado, no qual o positivo diz-se tudo o que se expõe, tudo o que se impõe empiricamente.

Analisando a obra de Comte, o autor coloca que cingir-se ao dado prende-se àquilo que sua filosofia da história denomina estado positivo de evolução intelectual, na qual a humanidade percorre sucessivamente três estágios teóricos, ou três fases. Em primeiro, a fase teológica, que é o ponto de partida no qual o homem encaminha as investi-

gações para a natureza íntima dos seres, as causas primeiras e finais de todos os efeitos. Em segundo, a metafísica, que é vista como período transitório no qual gradativamente o homem faz a passagem do estado teológico para o estado plenamente positivo da caminhada intelectual. E a terceira fase é a positiva, na qual o estágio é o regime definitivo da razão humana, cujo espírito limita-se a descrever como ocorrem os fatos, renunciando a especular os mistérios finais do universo, as qualidades substanciais dos fenômenos, suas causas últimas ou primeiras. Segundo o autor, para Comte, o termo positivo assume cinco sentidos: o real, o útil, o certo, o preciso e o contraste com o que pejorativamente é negativo.

Citando Spencer, o autor coloca que para o mesmo, o conhecimento é relativo porque capta relações e porque o próprio processo de conhecer é relação, isto é, intrinsecamente próprio do conhecimento humano, é constitutivamente próprio da natureza o pensar. Segundo o autor, “Pensar é estabelecer relações; nenhum pensamento pode expressar mais que relações”. (pg. 18). Para Spencer o homem explica a origem do universo por meio de três hipóteses: o ateísmo, o panteísmo e o teísmo. Quanto à ciência, que estuda espaço, tempo, matéria e energia, levantados os conceitos de matéria e movimento, os supostos básicos da ciência, a persistência do movimento de que dependem outras leis, Spencer admite que não se tem como fundamentar de modo determinante. Isso porque, segundo o autor, as verdades vão sendo incluídas em verdades de nível mais alto e estas, por sua vez, em outras de ainda maior alcance. Para ele, o saber positivo não pode decretar que a totalidade do real se reduz à totalidade do conhecimento possível de obter através do método positivo, adequado ao objeto.

Continuando sua análise, o autor evidencia as idéias de Stuart Mill, nas quais os dados não são conceitos, ponto de partida da lógica tradicional, mas são as sensações primeiras isoladas, depois associadas de modo cada vez mais complexo. Para Mill a precedência da linguagem deve ser reconhecida, uma vez que a linguagem constitui um dos principais instrumentos do pensar. As palavras que expressam o sujeito e o predicado são nomes dados às coisas ou às idéias e representações que se faz das coisas. Considerando esta relação dos nomes, Mill faz distinção: termos conotativos, que denota um sujeito e conota um atributo; e termos não-conotativos, que somente denota um sujeito ou atributo. Os homens concretos gerais são sempre conotativos, uma vez que a palavra “homem” denota todos os indivíduos que, tomados como uma classe, são nomeados por essa palavra, e conota os atributos que tais indivíduos possuem e em função dos quais a palavra lhes é aplicada. Para Mill, o valor da idéia geral é inteiramente empírica. Ela é apenas um nome que sintetiza na memória determinado conjunto de sensações. O fundamento é que determinado fenômeno vem sempre acompanhado de outro, o que muda são os fatos particulares.

Para o autor, diferentemente de Mill, Mach vê a ciência através da biologia. Para ele, o conhecimento humano é visto como aspectos desigualmente complexos da vida orgânica, de adaptação e de percepções que se tem dos corpos que se reduzem às sensações. O eu, prossegue Mach, consiste em um conjunto complexo de sensações não mais estável que os corpos físicos, até porque os elementos que constituem o próprio corpo e os elementos que constituem o eu não são três realidades distintas, de limites fixos. O que se considera diferenças de realidade são diferenças de estado, de foco ou de enfoque. Para Mach, não há causas; a idéia de causalidade é outra ficção do pensamento. Para ele a ciência dá a conhecer somente o necessário para o ajuste biológico do homem ao seu meio, e o saber se dá pela adaptação das idéias entre si. Segundo o autor, o Círculo de Viena foi bastante influenciado pelas obras de Mach, porém sua teoria empirista não consegue articular-se com os avanços da lógica, aos quais a crise e a pesquisa de seus fundamentos

conduzem, no início do século XX.

A obra de Carnap é um esforço de resposta a essa exigência, pois pretende aproximar duas linhas de pesquisa: a Lógica Formal e as Ciências Factuais com base empírica. É duplo o interesse deste esforço: os dados da experiência imediata, que as ciências factuais evocam são sua garantia de verdade; e a possibilidade de reconduzir mediante conexões lógicas o patrimônio conceptual das ciências factuais a um piso comum. Segundo o autor, é a esperança de uma das teses do positivismo lógico, a tese da unidade básica das ciências factuais. Carnap discrimina como sendo quatro os problemas a serem enfrentados por este empreendimento: o problema da base do sistema; o problema das formas lógicas; o problema da construção dos diferentes objetos; e a forma geral do sistema. Para ele, o imediatamente são as experiências elementares, o dado vivido, são as vivências tomadas como totalidade. No começo, antes de toda análise, o que se tem é o dado de fato, nem físico, nem psíquico, mas neutro.

Ao analisar Neurath, o autor coloca que o mesmo contesta as proposições protocoladas defendidas por Carnap, dizendo que as mesmas não existem, uma vez que não há pontos de partidas privilegiados. O fisicalismo que Neurath contrapõe vem junto com suas idéias sobre a natureza física da própria linguagem, que é um fato físico interno ao mundo. Essa equiparação pura e simples da linguagem aos fatos físicos, segundo o autor, Carnap não aceita, mas sim aceita a tese de que a linguagem da física é a linguagem básica, de direito, de todas as ciências.

O segundo capítulo é composto pelo conceito de Ciência e Dado Empírico, no qual o autor analisa a maneira positivista de conceber ciência. Está dividido em sete partes: Conhecimento à parte da Metafísica, na qual o autor coloca o positivismo como ciência em que não existem profundidades. Ater-se ao dado, na leitura positivista é basicamente aceitar esse modo de ver o objeto e de lidar com ele; Conhecimento Relativo, cujo positivismo defende, afirmando que é relativo porque diz respeito a relações, e porque seu objeto é o que o homem pode apreender. Ou seja, o modo como as coisas se apresentam ao sujeito depende do sujeito, ao qual

as coisas aparecem; Conhecimento Descritivo, o autor analisa a concepção positivista da ciência em substituir o explicar pelo descrever. Para os positivistas, a descrição é o modo de conhecimento de todas as ciências. A explicação que o positivismo tem presente em sua crítica é a explicação causal, que transpõe os marcos da positividade empírica e transige com os absolutos metafísicos: causas primeiras, causas finais; Conhecimento Hipotético, para o positivismo, todo o conhecimento científico real é hipotético, a tal ponto que analisar as características básicas das hipóteses se introduz no estudo do discurso científico. As hipóteses são proposições verdadeiras ou falsas que devem ser testadas empiricamente mediante procedimentos objetivos da ciência; Conhecimento Metódico, o autor aborda questões referentes a ele, distinguindo dois conceitos: o de método em sentido amplo, que, segundo o positivismo, é o mesmo para todas as ciências empíricas e pelo mesmo a ciência se define; e o método em sentido restrito, que varia ou pode variar de ciência para ciência, conforme seu objeto e as características epistemológicas do mesmo; Conhecimento Diferenciado, o autor enfatiza que as ciências são diferentes, não têm o mesmo nível de complexidade, sendo então possível classificá-las segundo os predicados epistemológicos de seus objetos e segundo o grau de positividade alcançado por elas na aplicação do método positivo aos respectivos domínios do conhecimento, conforme a lei comtiana dos três estados. Segundo o autor, a sociologia positiva, inteirando a série das ciências fundamentais, torna possível a teoria das ciências, a filosofia das ciências. Fechando o segundo capítulo, o autor enfatiza a questão da Verificação Empírica e Significação, colocando que, no interior do positivismo lógico, a diferença entre as proposições formais e as proposições empíricas da ciência é bem marcada. Para o positivismo lógico, as proposições formais da lógica e das matemáticas puras, bem como as proposições empíricas testáveis, são as únicas cognitivamente significativas. A indicação das condições em que a proposição é verdadeira ou falsa equivale à indicação de seu sentido, daquilo que ela quer dizer.

O capítulo três é composto pela Filosofia

e dado Empírico, no qual fica evidenciado que a ciência, segundo o positivismo, atém-se ao dado empírico. Considerando o positivismo de Comte, o autor coloca que a filosofia surge como ordenação e generalização dos resultados da ciência, ou seja, não é independente da ciência, mas está condicionada à sua evolução. Tal concepção da relação filosofia-ciência assume cores díspares de doutrina para doutrina no interior do positivismo. Cabe então à ciência positiva, diz o positivismo lógico, entender-se com a verdade das proposições.

Finalizando o livro, o autor faz uma conclusão problematizadora, na qual descreve as dificuldades teórico-metodológicas encontradas no percurso por ele traçado. Enfatiza que as análises do presente escrito sugerem como fio condutor para a caracterização da doutrina positiva, uma vez que o mesmo se delimitou à doutrina, ao sistema de teses e ao conceito de dado empírico. Afirma que seu esforço foi no sentido de ouvir os filósofos que são designados e não de criticar, uma vez que a crítica filosófica nunca é filosoficamente neutra, e que o contato com o objeto tem de preceder, quanto o possível, a crítica do mesmo.